



Porto Alegre, 06 de março de 1986.

TEXTO TEATRAL:

TEORIAS PARA UM NOVO MUNDO

ESCRITORA:

Maria da Graça de Oliveira Nunes
MARIA DA GRAÇA DE OLIVEIRA NUNES

NOME ARTÍSTICO:

GRAÇA NUNES

PERSONAGENS:

- Espermatozóide M
- Espermatozóide F
- Cantora
- Músicos
- Terra
- Planeta
- Eva
- Adão
- Anjos
- Diabo
- Eternidade
- Farsa
- Verdade
- Razão
- Dicionário
- Magnatas
- Esperança : dançarina
- Proletário
- Homem
- Infinito
- Mulher : União Soviética
- Homem : Estados Unidos
- Porteiro
- Padre
- Jornaleiro
- Enigma
- Pombo

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Cenário: Um óvulo, que nossos personagens irão fecundar, tornando-se homem e mulher.

Espermatozóide M: Eu sou o ar, eu sou o pó, sou fragmentos do espaço, sou a energia, sou o espermatozóide, eu sou o espermatozóide.

Espermatozóide F: Eu sou o ar, eu sou o pó, sou fragmentos do espaço, sou a energia, sou o espermatozóide, eu sou o espermatozóide.

Espermatozóide M: Que é isto? Por onde é que se entra? Que calor gostoso transmite. Ah! Encontrei a entrada. Como é aconchegante!

Espermatozóide F: Que é isto? Por onde é que se entra? Que calor gostoso transmite. Ah! Encontrei a entrada. Como é aconchegante!

(Os dois fecundam o óvulo. Depois de nove meses, ele explode, surgindo o homem e a mulher)

FECHA-SE O PANO

Cantora e músico:

Música: NO RODÍZIO DA TERRA NÓS SOMOS UM SÓ

Nós somos a energia,
Nos somos o sol.
No brilho das estrelas,
Eu sou você.
Você me fez,
Eu fiz você.

No rodízio da terra,
Nos somos um só.

As nuvens e os ventos,
Os rios e florestas
E os animais
Completam você e eu.

Nós somos a energia,
A razão e o sentido de ser
Num espaço sem fim
Do universo a se descobrir.
Nos somos o pó.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Num cenário de estrelas está a bela esfera, Terra, representada por uma figura feminina que busca em encontro com o ego. Encontrando-o, fica um tanto perplexa. O Planeta é representado por uma figura masculina.

(Num grito de espanto, a Terra vê em sua frente o Planeta que sai do fundo de suas raízes.)

Terra: Ahhhh!

(Ele, por conhecê-la, ironiza:)

Planeta: Olá, há quanto tempo?

Terra: Quem é você?

Planeta: Ora, eu sou o gênese, sou o progenitor das profundezas de tua metade, eu sou teu eu.

Terra: Como ousas dizer que és meu eu se não perdi minha identidade?

Planeta: Sou teu eu por te conhecer no leito e na gravidade.

(Espantada com o atrevimento do Planeta, constrange-se e ao mesmo tempo fica curiosa.)

Terra: Se és parte de mim e me conheces na profundidade, então podes me dar uma explicação a respeito do problema que me aflige sobre eles.

Planeta: Eles quem?

Terra: Ora, os homens. Eles me descobriram.

Planeta: Não, não, não. Eu disse que te conhecia na profundidade e na superfície, e não na órbita.

Terra: Ora, não és minha metade?

Planeta: Sou, mas não tua identidade. Me fala sobre eles.

Terra: Quando me descobriram, gerei Eva e gerei Adão.

Planeta: Ah! Tal qual teu caso com o universo, que gerou uma grande confusão.

(E a Terra, enfurecida com tal resposta, vai se abrindo e aparece um belo corpo de mulher.)

Terra: Já que tu és fruto do meu fruto, te levarei até eles para sentires de perto tudo que me aflige.

Planeta: Oba! Ela quer dar pra mim.

Terra: Observe a montanha mais alta, bem na ponta do bico.

(E o Planeta, curioso, vai se achegando àquele corpo de



mulher nua, exposto para ele, bicos duros, estáticos e, chg gando bem perto daqueles seios, suspira excitadamente.)

- Planeta: Oh! Aqui é a América Latina. Que cordilheiras!
- Terra: Este foi o nome que eles deram. Vai descendo, vai descendo.
- Planeta: Vou resolver teu problema. Diga, onde é que eles estão?
- Terra: Um pouquinho mais embaixo que vais descobrir.
- Planeta: Estou vendo a lei da gravidade, está difícil de enxergar com os olhos.
- Terra: Usa teu telescópio e verás bem dentro da órbita onde se originou a história deles.
- Planeta: Telescópio! Só um pouquinho que vou regulá-lo.
- Terra: Já! Aãã! Poxa como é grande!
- Planeta: Fica de quatro.
- Terra: De quatro uma ova.
- Planeta: Por quê?
- Terra: Pelo cu nunca vais chegar lá.
- Planeta: Mostra-me como. Meu telescópio já está se desregulando.
- Terra: Sim, sim. Me deito com as pernas abertas e você vem. Vê lá, hem, vem com calma. Ai! Ai!
- Planeta: Consegui, consegui, estou vendo eles.

(Telescópio representado pelo membro sexual masculino. Órbita representada pelo órgão genital feminino. Em contato com a órbita da Terra, em sons de gemidos, o Planeta consegue ter seu primeiro encontro com o início da espécie humana.)

FECHA-SE O PANO

(Surtem duas personagens bíblicas: Eva e Adão com suas respectivas vestes.)

- Eva: Adão, Adão, terra à vista!
 - Adão: Silêncio, ouça, parece uma voz, silêncio!
 - Eva: Estou em silêncio imbecil, não quer comer uma maçãzinha.
 - Adão: Ouça ou te passo a cobra.
- (Ouve-se uma voz que se identifica como a Ecologia.)



Ecologia: Eu sou a Ecologia.
 Adão, estão pisando na terra dos inscientes, onde o nu é
 sinônimo de pureza. Vão poluir as águas, vão cortar as ma
 tas e ainda vão dizer que trouxeram a civilização.

Adão: Então a terra não está à vista?

Eva: Ô imbecil, será que não vês que isso é câmbio imobiliário.
 Adão, coma a maçazinha, so um pedacinho.

Adão: E depois, o que eu faria com a inflação?

Eva: Não, não. Fica quente, não fica frio.

Adão: Que aconteceria se eu ficasse frio?

Eva: Congelaria.

Adão: Eva, estou com medo.

Eva: Coma a maçã meu amor, que não vais congelar nunca.

Adão: Nem por doze meses?

Eva: Ah! Deixa de bobagem e come isso de uma vez.

Adão: Hum! Que gostosa! Aãã, está crescendo.

Eva: Que bom! Que bom!

Adão: Eva, por que estás de quatro?

Eva: Porque vais precisar, e anda de uma vez enquanto a infla-
 ção esta de férias.

Adão: Tem certeza que é por aí?

Eva: Tenho, claro, vem de uma vez.

Adão: Bem, já que ninguém está vendo...

FECHA-SE O PANO

(E assim ressoa uma estrondosa revolta no ar. Os anjos tocam clarins
 anunciando a chegada do pecado original. Um dos anjos, em estilo
 "gay" toma a palavra:)

Anjo: Ah! Anúncio: este planeta terra de agora em diante nunca
 mais será o mesmo.
 (E num gesto de loucura desenfreada, bate em suas nádegas.)

Anjo: Haverá anos que serão anos nus.
 Haverá épocas que serão sapateiras.

(Os anjos reunidos, tocam clarins, com toda sua beleza de plumas esvoaçantes, para a reunião dos anjos da guarda. O grupo se aproxima e discutem em som de fofoca. Inesperadamente, chega uma figura macabra perguntando a um dos anjos!)

Diabo: Ei de asinhas, por que o congresso?

Anjo: Quem é você?

Diabo: Eu sou o filho do Lúcio, aquela sem fé.

Anjo: Então fostes tu que induzistes o Adão a comer a maçã?

Diabo: Não camarada, isto tudo é história da Bíblia.

Anjo: Camarada. Esta palavra não me é estranha.

(Todos os outros anjos dizem ao mesmo tempo:)

Anjos: Camarada. Uh! Uh!

Anjo: Mas tuas vestes são assustadoras.

Anjos: Esquisitas.

(O Diabo veste, da cintura para cima, vermelho e, para baixo, preto; e os anjos com asas de plumas e nus. Eles perguntam ao diabo:)

Anjos: Qual é teu sexo?

Diabo: Ainda há pouco vocês questionaram minhas vestes.

(Tocando, de leve, na bundinha dos anjinhos.)

Diabo: Vocês gostam de andar nuzinhos, hein? Assim como o papai do céu. Qual o papel de vocês na história? O que faz o anjinho? Anjo não faz nada.

Anjo: Nós não temos sexo nem forma. Nós somos os guardiões do ser homem e do ser mulher.

Diabo: Iiii, a mim não adianta quererem enrolar. Vocês são os mórmons.

(Com gestos de espanto os anjos se rebelam)

Anjos: Os mórmons! Você entendeu tudo errado, nós somos guardiões da espécie humana e os mórmons são enviados de Deus.

Diabo: Veados de Deus. Daqui a pouco eles trarão a CIA e dirão que é Deus.

Anjo: Não adianta querer nos converter, nós somos obra de Deus.

Diabo: Também sou obra de Deus, só que no céu a chapa é única.

Anjos: Ah!! Nosso Deus, que pecado!



Diabo: Pecado? Mas vocês estão doidinhos para trepar comigo. Du não estão?

Anjos: Que Deus nos perdoe, mas que esse diabo é uma tentação...

Anjo: Olha o respeito. Temos que ser discretos.

Diabo: Já que vocês não têm sexo, que tal, meninas, darmos uma dançadinha!

Anjos: Só se dançar com todas.

Diabo: Vamos lá. Fogo é que não me falta.

Anjo: Não, não, não.

Anjos: Ahhh!

Diabo: Já sei, queres ser a primeira da roda.

(Em forma de ritual de dança, o demônio fica no meio de um círculo formado pelos anjos, e num canto acelerado eles rejeitam o Deus homem, o Deus mito, o Deus farsa.)

Canto: Nós somos obra dos homens...
Nos somos a alienação.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

FECHA-SE O PANO

É sabido que a Eternidade e o Infinito são o princípio e o fim, e só as duas personagens poderão concluir o propósito de ser humano.

(A Eternidade chama a Verdade para esclarecer o porquê da decadência, de seculo a seculo, de década em década do planeta terra.)

Eternidade: Verdade! Verdade!

(Não sendo atendida em seu chamado, a Eternidade vai ao encontro da Verdade. De repente, encontra uma luz iluminando dois corpos femininos em estado de êxtase, delirando e despojando o mundo. Ali está a Verdade montada na Razão. Perplexa e indignada, a Eternidade toma uma atitude drástica chamando a Farsa.)

Eternidade: Farsa! Farsa!

Farsa: Presente!

Eternidade: O que tens feito?

Farsa: Enquanto a Verdade está montada na Razão, eu ando nas igrejas, nas seitas, nas repartições publicas, mas gosto muito do senado, do exercito. Adoro os exercicijos militares. Exemplo: penis pra frente, barriga pra tras, ah! de culpe, peito pra frente, bundinha pra tras. Eu adoro a companhia. (E faz uma continência.)



(A Eternidade sabe que, vai ter que travar uma luta para recuperar a especie humana. Em tom de sãcote a cabeça.)

Eternidade: É uma ébia tudo isto. A maioria não sabe o poder que tem sobre o planeta ser. O mundo esta vivendo uma grande mentira.

(E torna a conversar com a Farsa, que se encontra a seu lado, calada e vivaz, no seu simulacro de gloria.)

Eternidade: Mas o Proletário pensa que você é a Verdade.

Farsa: Eles nunca irão me reconhecer.

(A Eternidade vê em sua frente uma porta e, ao mesmo tempo, a Farsa, espavorida, usa de uma sutileza implacavel para desviar seu percurso.)

Farsa: Eternidade, não há lógica nem há porquê questionar o problema da humanidade. Eles gostam de ídolos, eles gostam de mitos, mas eu adoro sua presença agora aqui. Sua presença é um todo sem contextos.

Eternidade: Pára! Chega! Abre essa porta.

(E a Farsa tenta contê-la, embora sabendo que nada iria impedir que a porta fosse aberta. Desesperada, Ela grita:)

Farsa: Não, não podem abrir a porta sem antes falar com o Dicionário.

(Não usando de subterfúgio, a Eternidade chama o Dicionário:)

Eternidade: Dicionário!

Eternidade: Tu és o Dicionário?

Dicionário: Sim.

Eternidade: Parece mais um guia telefônico de cidade grande. Bem, mas isso não vem ao caso. É intolerável o que está se passando. Por que as palavras estão sendo trocadas?

Dicionário: As palavras não estão sendo trocadas, e sim manuseadas.

Eternidade: Por quem?

(O Dicionário, olhando para a porta, responde:)

Dicionário: Por eles.

(Intolerável, a Farsa, mais uma vez, suplica que não abram aquela porta. A Eternidade ordena, energicamente, que se afaste e abra-a. Deperando-se com um preponderante e requintado banquete.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.8242 - CEP 90020-025



Eternidade: Magnatas!

(Os magnatas, vestindo fraque, gravata, meias e sapatos, menos suas respectivas calças. Num brinde cruzado, um deles diz:)

Magnata: Cruzar os copos.

(Ela não se deixa perceber e dirige a palavra ao Dicionário:)

Eternidade: Este país tem mania de religião de umbanda.

Dicionário: Por quê?

Eternidade: Eles estão brindando cruzado.

Dicionário: Deu pra mim. Estou regredindo novamente.

Eternidade: Andarei com o Infinito por todas as partes deste mundo, terra, para que o planeta não se separe de um conjunto todo, e trarei as leis do universo. Serão banidas varias palavras de suas paginas.

(E, olhando para a Farsa, as palavras ressoam com toda benevolência existente no infinito do seu ser.)

Eternidade: Hei de transformar você em Verdade para que o ser humano reconheça o valor de sua galaxia.

(Tomada pelo pânico, enraivecida, a Farsa sai bruscamen te correndo.)

Farsa: É o fim de minha era. É o fim de minha era.

(Quando o Dicionário, folhando página por página de um livro, coração de seu eu, ali em suas maos, diz calma mente, olhando para a Eternidade:)

Dicionário: É o progresso da hymanidade. Nunca mais serei usado co mo cumplice da catastrophe humana. Novo mundo! Sei que havera escolas onde o ser humano desenvolvera sua pro pria intelectualidade. Esperança, venha em forma de menina!

FECHA-SE O PANO

(Surge a Esperança, dançando como um cisne, no toque mágico de uma música classica, dando a mensagem com seus gestos de criança, num cenario que não e nem dia nem noite. Pôr do sol.)

FECHA-SE O PANO



(Visando a chegar mais próxima do ser humano, a Eternidade procura o Proletário.)

Eternidade: Proletário?

Proletário: Sim.

Eternidade: Você, Deus criador das defesas sociais, deixa que seus filhos proletários sejam mal remunerados, convivem com a Farsa pensando ser esta a Verdade, pois a Farsa dá a razão, colocando-se de juiz.

Proletário: Com quem estou falando?

Eternidade: Você está falando com cada página do Dicionário, com cada grão de areia que pisa, com todos os momentos dos seus silêncios e com a Eternidade e o Infinito do teu ser, porque operas sem tempo de raciocinar, embora saibas que es Deus criador das defesas sociais. Sem ti o mundo não prospera. Você é a poesia. Você é o aplauso do ídolo e a alimentação do indolente magnata. É a verdade na boca dos poetas conscientes.

Proletário: Então estou falando com a magestosa Eternidade! Acredite-me, a Verdade está montada na Razão porque está cansada de ser só uma máscara numa experiência onde o prazer está com a Farsa. O Proletário não acredita em mim, eles optam pelo padrão como padrão.

(O Proletário chega para a Eternidade como se alguém fosse descobrir algum segredo dele e diz:)

Proletário: É tudo igual àquela palavra, àquela!

Eternidade: Qual?

Proletário: Aquela daquele livro que formou o calendário.

Eternidade: Ah! Refere-se ao Messias.

(O Proletário se aproxima com um gesto sinistro.)

Proletário: Eu fui aos meus e eles não me reconheceram...

Eternidade: Mas este é o conto do vigário!

Proletário: Aquele, irmão da vigarice.

(A Eternidade põe a mão em seu ombro e pronuncia com benevolência:)

Eternidade: A Verdade haverá de fazer juíz em seu devido lugar e você reconhecerá o poder que tem. Para isso, descerei todos os degraus dos tempos e me encontrarei com o ser homem e o ser mulher. Serei eu Eternidade e Infinito.

FECHA-SE O PANO



(A Eternidade, dividindo-se, traz o Infinito que vai ao encontro da mulher, enquanto Ela, ali sentada numa esquina qualquer, num lugar qualquer do planeta terra, se depara com um homem que se aproxima.)

Homem: Olá, gostarias de ganhar um dinheirinho extra por uma noite de prazer?

Eternidade: Que significa o dinheirinho extra?

Homem: Estás um tanto requintada para agir como um ser parvo.

Eternidade: Queres dizer um tanto idiota assim como você!

Homem: Como disseste?

Eternidade: Nada. Assim como a palavra nada deixa de ser nada quando se pronuncia.

Homem: És muito enigmática.

(Tirando um valor x em dinheiro do bolso.)

Homem: Devido a esta formosura toda, te agrada este valor?

Eternidade: É isso que se chama dinheirinho extra?

Homem: Não! Não se faça de rogada. Estás sozinha e eu também, nada impede. Vamos lá!

(Ela pega o dinheiro e rasga-o)

Eternidade: Prazer não se compra. Conquista-se.

Homem: Ora, não venha querer fazer poesia. Pois sabes com quem estás falando?

Eternidade: Sei. Já passei por um congresso onde o encontrei.

(Ela fica desconfiado e pensativo. Em seguida torna-se objetivo.)

Homem: Por quê? Estás me perseguindo?

(Ele responde com uma calma implacável.)

Eternidade: Se acalma. Senta e vamos dialogar. Quantas vezes brincaste com uma flor?

(Ele sorri ironicamente.)

Homem: Ora, não me venha com essa. Novamente poesia.

Eternidade: Lembras, ainda há pouco tentaste comprar prazer.

Homem: Disseste muito bem. Comprar.

Eternidade: E por acaso tentei vender?



Homem: Mas sorriste para mim invocando meu instinto de aproximação, e caia dessa, bem que estas a fim.

(A Eternidade dá um sorriso com um magnetismo próprio de quem conhece a lei do cosmos, e, sabendo da caminhada esparça que o ser humano tem que dar para uma premissa maior, pronuncia levemente:)

Eternidade: O sorriso é uma dádiva da expressão própria da comunicação quando o ser homem respeita o valor individual.

Homem: Pode parar, não a esta hora da noite, sentada no local ao qual estás. Isso é uma insinuação.

(Ela, conhecendo a cosmurgia, fala suavemente:)

Eternidade: Com os gestos que até agora demonstraste, seria eu um objeto. Pelo visto, estas acostumado a comprar.

Homem: Deixa desse papo todo. Vamos logo, Vamos! Queres ser tratada como uma imaculada?

(Não respondendo, Ela fica a contemplar o Homem pensando numa maneira de como dar a ele um pouco de sensibilidade. E continuando em silêncio a contempla-lo, ouve-o dizer:)

Homem: É. Esse teu silêncio é uma prova de resposta nobre. Me fala um pouco de você.

Eternidade: Assim como você me acha misteriosa eu também poderia achá-lo. Homem, o misterio é uma muralha que o ser humano cria por medo de perder sua opulencia. Logico que estas palavras jamais serviram para a maioria dos seres humanos.

Homem: Podes parar, não achas que estás filosofando demais quando seria tão simples a gente curtir por aí.

Eternidade: A filosofia é a ciência geral das coisas e princípios, sistema de noções sobre o conjunto de coisas; sabedoria, doutrina de cada escola filosofica. Todo o conhecimento racional.

(Ele caminha para lá e para cá preocupado, como se ali estivessem varias pessoas assistindo ao espetaculo, e tenta disfarçar sua perplexidade num tom de zombaria:)

Homem: Você não fode?

Eternidade: Como pronunciaste?

Homem: Ela ouviu. Então gosta de uma fodazinha. Tenho certeza que daqui a pouco a auto-suficiência dela vai virar em pranto.

(Ela se levanta não dando espaço e nem tempo para que diga mais nada.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Eternidade: Homem, teu membro genital será tão despercebido se não souberes valorizar o belo do teu proprio eu. O que tens por fora as mulheres têm por dentro. Creio que isto é sabido. Quando levas uma rosa para uma mulher, ali está teu lado feminino conquistando-a. Sei que podes usar a força bruta, mas de nada vale se não for reciproco.

(Ele fica a observá-la e reconhece a beleza de ter nascido de uma mulher. Pergunta para Ela num gesto de carinho:)

Homem: Diga com quem estou falando? Quem é você?

Eternidade: Está falando contigo mesmo, com todos teus descendentes. Aqui, nesta sala, aqui neste palco, aqui nesta rua, você está respirando o pq. A metamorfose das materias correm no ar porque no rodizio da terra nos somos um so.

(Em estado de êxtase, o Homem fecha os olhos. Neste espaço de tempo Ela sai caminhando, distanciando-se no escuro como se estivesse diante de um palco, refletores, luzes, escuridão. Sua voz ressoa com ênfase maior.)

Eternidade: No rodizio da terra nós somos um só. Coloque a Verdade no lugar da Farsa. No rodizio da terra nos somos um so.

(E num impacto, quando sua voz já está quase desaparecendo, ele abre os olhos e, não a encontrando, clama por Ela desesperadamente.)

Homem: Ei, não me disseste quem és? Quem és? Já sei, tu es uma perturbadora.

(E quando ele se encontra em estado perturbador, virando-se para trás depara-se com uma figura calma, a luz da noite percorrendo sua meia face. Atônito, gesticula com as mãos.)

Homem: Que é cara?

(E não dando tempo para a figura responder:)

Homem: Viste aquela mulher saindo daqui agora? Que coisa incrível, até parece um sonho.

(Passa as mãos nos cabelos, senta na calçada, no mesmo lugar em que Ela sentou, passa novamente as mãos nos cabelos e olha para aquela figura na semiluz da noite.)

Homem: Fala alguma coisa. Não fala? Tá mudo. Era só o que me faltava.

(O desconhecido pega a mesma quantia em dinheiro que ele havia dado para a Eternidade e devolve-o. O Homem, levantando-se, responde rispidamente:)

Homem: Qual é, "gay" não.

Handwritten signature

(E o desconhecido, não fazendo nada, rasga o dinheiro.
O Homem, percebendo que ha horas atras viveu uma cena se
melhante, pergunta objetivamente:)

Homem: Acho bom me responderes quem és porque o tempo vai virar.

Infinito: Tempo! Eu sou o tempo. Eu sou o ar que respiras. Sou as nuvens que passam. Sou teu amigo da esquina. Sou a verdade e sou a farsa que pregas. Sou a corrente que colocas na mão do proximo e sou o proximo quando es acorrentado. Sou a bonança apos a tempestade. Sou as matas verdes. Sou as matas ressequidas. Sou as lagoas poluidas. Sou o ceu azul. A noite. As estrelas e o sol. Sou os animais selvagens e os mansos. Sou aquele que tudo vê e tudo ouve. Sou aquele que acredita em ti quando achas que estas certo. E sou aquele que, quando estas certo e todos acham que estas errado, te da uma ênfase para que prossigas. Pois bem, Homem, de decada em decada a farsa permanece em teu planeta por medo da ciência maior que e tua propria verdade.
Queres saber quem é Ela que saiu daqui?

(O Homem, cada vez mais atônito, fica observando sem dizer nada, com sede de ouvir, e Ela prossegue sem dar pausa:)

Infinito: Ela é a Eternidade e eu, eu sou o Infinito. Ela foi minha mae por me gerar e eu fui seu sexo por me fazer fruto de sua carne. Portanto, nós somos um só.

(Indignado, o Homem diz:)

Homem: Não acredito em você. Com esse papo todo você quer dizer que é Cristo. Brincadeira!
Quase caí na asneira de pensar que eras a mulher que estava aqui, ha pouco.
Bem, que tal quebrarmos esse papo.
Aceito os loucos.
Vamos beber alguma coisa por aí?

(O Infinito nada dizendo, o Homem se pronuncia:)

Homem: Vem cá, não tens grana?
Pega aqui. Toca no meu bolso.
Ja sei. Te magoaste porque te chamei de louco.
Tudo bem, filosofo, então.
Mas e daí filosofo, onde será que foi aquela bela mulher?

(O Infinito responde com candura:)

Infinito: Encontrarás Ela em ti mesmo, em frações de segundos, na hora da morte. Sabe homem, não estas entendendo. Sei que é impossível querer que uma baleia nade num rio.
Aprecias "slides"?

Homem: É um convite? Depende, não sei. Sou curioso mesmo.
Hum! Ja vieste com esta historia que eras a mulher que saiu daqui. Vê la, hem! Marmanjo nao.
E! Não levas jeito para a coisa.
Mas tem garotas la, não e?

M. A. G. G. G.



(O Infinito responde aguçadamente:)

Infinito: Homem, pare de se torturar.
Um homem pode sair com outro, ser amigo e quebrar as fronteiras da malícia impostas por si proprio.

Homem: Tudo bem, me convenceste, vamos lá.

FECHA-SE O PLANO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Aparece uma sala com uma cadeira e um projetor de "slides". O Infinito convida o Homem para sentar, e ele senta, pensando em voz alta:)

Homem: Bom, para um sujeito estranho até que o lugar está de acordo.
(E pergunta:)

Homem: E as garotas?
(O Infinito, não lhe dando tempo para questionar, liga o projetor de "slides". Aparecendo o nu de um homem de costas, o Homem, indignadamente, levanta-se.)

Homem: Escuta aqui, primeiro foi aquela mulher falando bonito. Agora você.
(O Infinito nada responde. Vai passando o "slide" e o homem continua falando.)

Homem: O que eu quero com pornografia "gay", estou caindo fora.
(Ao sair, olha para o "slide": Ali está uma cena um tanto familiar, uma cena nazista. Desconcertado, pergunta ao Infinito:)

Homem: Por que isto agora? Que queres demonstrar?

Infinito: Senta e te mostrarei a revanche do homem para com o homem, destruindo e matando conscientemente, criando o ciclo vicioso das guerras.
(Prosseguem os "slides", e o Homem ali, perplexo com as imagens que começam a aparecer. Em sua face começa a figurar o medo e a angústia, e o Infinito, percebendo, recita um poema.)

Infinito: O homem que tem consciência de tudo que o cerca e contribui para divergir das coisas boas, na hora que se sente aflito e angustiado, pensa que o mundo está de mal com ele. Não está não. É ele que está de mal com sua propria consciência.

(Na ânsia, o Homem se reprime, mas ofuscado, olha para o projetor de "slides" vendo com seus proprios olhos um fato tão recente ocorrido no Japão.)



Homem: Por que isto tudo está acontecendo comigo?
Você está me mostrando fatos que... não, eu não estou negando, meu compromisso com o mundo eu cumpro, e alguns têm que morrer para que outros sobrevivam.

(Ele olha para o Infinito, desconfiado.)

Homem: Você é comunista, não é?

(O Infinito responde com brandura:)

Infinito: Já havia dito que é impossível fazer uma baleia nadar num rio.

(E voltando ao "slide":)

Infinito: Nesta cidade de Hiroshima, as pessoas não estavam a par da resolução de uma pequena cúpula de inconseqüentes.

(Em cima da mesa onde estava o projetor havia duas miniaturas de aviões, e o Infinito, pegando-as, diz:)

Infinito: O homem briga pelo melhor aviãozinho e a espionagem corre. Esta bomba de Hiroshima, segundo quem a projetou, se tivesse que fazer, faria novamente.

Ainda há tempo.

Sabe? Em cada janela que olhares lá estará presente, na vidraça, a arquitetura da cruz. Em cada rua que passares haverá sempre uma cruz. Quando abrires teus braços, haverá sempre uma cruz, e mesmo se ficares sem eles, quando chegares bem próximo do fim, haverá a cruz da consciência.

(E o projetor de "slides" continua a passar cenas de guerra no mundo. O Homem pede um momento para o senhor sabio.)

Homem: Se és um Deus, por que te deixaste morrer na cruz, sendo tão forte como te fazes ser pensado?

Infinito: O Deus é questão de consciência, e eu não me deixei crucificar. O homem que julgou e crucificou. O homem criou o banquete dos doze apóstolos para manusear os povos. Te darei um exemplo bem simples até.

Achas que eu, com o conhecimento que tenho sobre todos vocês e com esse poder de ressuscitar, segundo a história que vocês contam, haveria eu de saber, então, que Judas Scarioth iria me trair e depois, por pena, se suicidar, e que o galo cantaria e Pedro iria me trair. Se eu soubesse que isso iria acontecer, seria eu o maior traidor, porque eles não tinham tal consciência. E mais irei te dizer.

O homem me julgou e me crucificou. Eu não me deixei crucificar, portanto eu carreguei a cruz de madeira e o homem carrega a cruz da consciência.

(De repente apagam-se as luzes e o Homem pergunta:)

Homem: Por que apagou as luzes?

Infinito: Das luzes das estrelas do cosmos eu entendo...

Homem: Mas não entendes de tudo?



Infinito: Acabei de dizer há pouco que Deus é questão de consciência. E tu foste livre para criar a lâmpada.

Homem: Até quando iremos ficar no escuro?

Infinito: Não achas que esta pergunta deve ser feita a ti mesmo.
(Em meio aos tropeços, saem para a rua.)

FECHA-SE O PANO

(Lá fora.)

Homem: Finalmente luzes e ar.

Infinito: Estás gostando?
Notaste que as luzes dos postes estão apagadas?

(Com espanto, o homem responde:)

Homem: Não. Sim. Lógico.

Infinito: As luzes do universo nada te cobram. Na noite, como estas presenciando, as estrelas. De dia, o sol. Nos dias chuvosos e nublados, a reflexão solar está sempre presente, e sem deixar de esquecer da pitoresca lua.

Homem: Filósofo, como é que fica o cego nesta parada?

Infinito: O que nasce cego tem a dádiva do planeta ser e quem não nasce assim tem o registro de tudo que já enxergou.

Homem: É. É muito interessante conversar contigo.
Es um tanto complexo.

Infinito: Complexidade é uma palavra abrangente. Ela constrange, é reflexiva e persuasiva e, assim sendo, você busca a polémica. Já que buscas polemizar, porque fazes um Natal com meu nome quando sabes que quero uma mesa farta para todos. Se achas que sou pouco, porque constrois grandes e requintadas catedrais, em meu nome, com imagens retratadas quando eu disse: não adoraras imagens.
Se achas que sou pouco, porque nestas catedrais os mendigos estão nas portas quando gostaria de abrigá-los.
De todos que estiveram neste planeta, eu sou tua consciência, o princípio e o fim, mitos e ídolos, porque sei que na hora do sufoco todos dizem: Se Deus quiser.

Homem: Então, por tudo que dizes, o ritual litúrgico é falso?

(Já sentados num banco de uma praça, com o céu lindo, estrelado. Aquele cheiro de primavera. O Infinito fica a observá-lo. Com a eterna serenidade, responde sorrindo:)

Infinito: A divergência levou o homem ao caos e ele criou o processo litúrgico, assim levou a pequena cúpula a ser grande, quando os peixinhos do mar levam os homens a nadar e quando ela começa a nadar, deixará de ser cúpula ao descobrir que não há cardume para a rede.

(O Homem se levanta, caminha de um lado para outro, respira fundo e pensa em voz alta.)

Homem: Peixinhos do mar... Por que esse sujeito não é claro no que diz?

(O Infinito continua ali sentado, calmo, olhando as estrelas, e o Homem volta-se para Ele meio indignado.)

Homem: Qual é essa de peixinhos do mar? Seja mais claro, até parece que estas recitando um poema. Sei que a noite esta estrelada, mas não sou muito chegado a lirismo. Explica essa dos peixinhos do mar.

Infinito: Segundo você, existem palavras ditas por mim, na Bíblia. Como é que vocês crêem em palavras as quais não entendem? E tem mais. São verdadeiros poemas.

Homem: Eu não sou padre para entender de Bíblia.

Infinito: Creio eu que não é só o padre que é homem, pois a Bíblia foi feita para os homens.

(Mais uma vez, ironizando, o Homem vai abrir a boca para falar, e o Infinito:)

Infinito: E de boa vontade.

(Sentindo-se irritado, o Homem dá um suspiro profundo.)

Homem: Você diz ser o princípio, o fim e aquela mulher que era a Eternidade. Se você é o filho de Deus, sei lá, deve saber que há outras nações na terra que não admitem religiões, onde não existe você, e sim outras crenças.

(O Homem aperta as mãos oscilante, pensando em voz alta.)

Homem: Agora ganhei dele.

(Estando o Infinito sentado no chão.)

Homem: Mas por que estás sentado no chão.

Infinito: Porque já cansei.

Homem: Do quê? Do banco?

Infinito: Não, de você.

Homem: Porque não estás conseguindo responder o que eu falei?

(Sentando no banco, o Homem sorri zombando do Infinito.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Infinito: Pois bem, eu respondo o que queres ouvir.
É bem simplesinho.

Homem: É! Não brinca!

Infinito: Você falou que eu não estou em todas as nações.
Sendo eu Eternidade e Infinito, é obvio que estou em todos os lugares.

Homem: Mais uma cacetada. Sinto que vou acabar sofrendo de uma
dissociação psíquica.

(Observando o espírito de competição do Homem, o Infinito torna a sentar no banco, sugerindo:)

Infinito: Quem sabe te encontras com Ela?

Homem: Ela quem? A Eternidade? Mas Ela não é você?

Infinito: Bem, já vou indo.

Homem: Não, não, não. Vais me deixar cheio de evasivas. Ao menos me responde quem é Ela. Já que es o Infinito e a Eternidade, creio que não tens tanta pressa assim.

Infinito: A pressa é a curiosidade da tua consciência.

(E sai caminhando para ir embora enquanto o homem, insatisfeito e curioso, exige uma resposta.)

Homem: Não vá embora, pelo menos me responde quem é Ela, afinal?

Infinito: Te acalma, vira para lá que eu vou urinar.

(Durante o tempo que está urinando, Ele diz:)

Infinito: Este planeta que se chama terra deveria chamar-se dinheiro, que da materia se fez po, e do po da metamorfose adubou a terra, que da madeira se fez o papel e governou a bolsa de valores.

Homem: Ele filosofa até mijango. Ainda não?
Será que a mijada também é infinita?

(O Homem, não percebendo, o Infinito sai caminhando.)

Infinito: Ela é a mulher tão responsável quanto você.

(Sentindo sua demora, volta-se para trás, não o encontrando mais.)

Homem: Ela quem?
Ei profeta, onde te meteste?

Homem: O puta que pariu que me confundiu.

FECHA-SE O PANO



(Nossas duas personagens hospedam-se no mesmo hotel, sendo que, nesta cena, aparecerão dois quartos nos quais contracenarão.
 Estão os dois prontos para o banho, Ela nua e o Senhor "Mister" de cueca samba canção, quando o telefone toca para os dois e ambos atendem: uma mera coincidência. É da portaria, avisando que o "show" que gostariam de assistir teria início às 24h.
 Ambos solicitam serem avisados uma hora antes.
 Assim sendo, Ela dirige-se para o banho e Ele, deixando-o para mais tarde, resolve dormir um pouco. Mas antes, pegando a Bíblia que está ao lado de sua cabeceira, se ajoelha e reza sua oração a Deus.)

Homem: Mamãe sempre disse para rezar antes de qualquer soneca.
 Senhor, ajudai para que o mundo não sofra os conflitos das guerras, ajudai para que eu possa fazer vigorar a democracia no mundo. Sei que o Senhor atenderá minha prece. Amem.

(A mulher, ao sair do banho, com uma toalha sobre o corpo, olha a sua frente um quadro de Jesus Cristo e, retirando a toalha, fala:)

Mulher: Olha, eu Te admiro sabe, mas não por tudo que pregaram sobre Ti. Não sei orar, mas sei que o maximo que posso fazer de mim e minha carne, e minha energia. Antes de tirar uma pequena soneca vou rezar a oração que conheço. Tudo que tenho e todo o amor que possuo. Eu...

CORTADO

(E vai retirando a toalha, colocando-a em cima da cama, deitando-se sobre ela. Começa o ritual de uma masturbação, chegando ao climax em delírios.)

Mulher: Jesus, eu te amo.

FECHA-SE O PANO

(Nosso hóspede, ao sair na portaria do hotel, deixa o porteiro perplexo, que, saindo de sua rotina de Sim Senhor, Não Senhor, diz:)

Porteiro: Ei, ei, o Senhor é o Tio Sam?

(Olhando para trás:)

Homem: Ué, como é que ele me reconheceu?

(Em seguida desce nossa hóspede; e o porteiro, espantado:)

Porteiro: Mas é a União Soviética!

(E desmaia.)

FECHA-SE O PANO

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 855
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Sendo próximo o teatro, a mulher sai caminhando pelas ruas da cidade e de repente fica confusa com a cena que aparece diante de seus olhos. Ali está um funeral com cartazes dizendo:

1964-70-Opressão-Fome; Ditadura-Gol-Brasil; Abaixo FMI; Abaixo os Torturadores-Gal.Figueiredo; Medice-Impune; Tancredo Neves-Enigma.

Estando o caixão enrolado na bandeira de uma nação. Chocada, ela pergunta:)

Mulher: De quem é o funeral, por favor, de quem é o funeral?

(Ninguém respondendo, ela resolve acompanhá-los. Na despedida, retirando, com honras, a bandeira da nação, abrem a tampa do caixão e cada um agarra um pedaço de seu maior ídolo: a alimentação: cenouras, pepinos, arroz, feijão, repolhos, batatas, que acidentalmente esparramam-se pelo chão, e em prantos nossos desventurados repõem a alimentação no caixão. A mulher, observando-os, não tendo como consola-los, sai em silêncio rumo ao teatro.)

FECHA-SE O PANO

(Na saída do espetáculo.)

Homem: A senhorita que me dar a honra de um jantar?

Mulher: Sim, creio que sua companhia será agradável.

Homem: Minha companhia? O que ela tem a ver com isso?

Mulher: Eu não estou entendendo, o senhor pede minha presença e depois se perturba como se estivesse preocupado. Pois passe bem, não tenho meu tempo a perder com bobagens.

Homem: Senhorita! Senhorita! Foi só um equívoco.

Mulher: Equívoco?

Homem: Sim, e sua companhia com a minha companhia. Mas deixa pra lá. Aceita minha companhia?

Mulher: Quem sabe ao invés de jantar...

Homem: Sim, sim.

Mulher: Acalme-se cavalheiro. Que tal uma caminhada pela cidade. Pelo visto o senhor conhece muito esse povo.

Homem: Lógico, lógico, conheço sim. Mas os comunistas estão querendo fazer a cabeça delas.

Mulher: Como?

Homem: Não vamos estragar essa noite. Você é tão linda!



Mulher: Olha que bonita praça!

Homem: Aqui é muito perigoso por causa dos assaltos, mas podemos ir para um ótimo lugar, com piscina, todo espelhado...

Mulher: Ah! Já entendi. Mas vamos sentar um pouquinho.

Homem: Tudo bem. Que você achou do espetáculo?

Mulher: Como sabes, assisti só ao final, mas a música que me chamou a atenção foi a que falou da Eternidade.

Os dois: Sim, aconteceu comigo um fato interessante. Falei com a Eternidade e o Infinito.

Homem: Você é que é a mulher?

Mulher: E você o homem?

Homem: Isso é motivo para comemorarmos.

(Ela olha para ele como se estivesse nu.)

Mulher: Agora estou começando a ficar com fome.

Homem: Que gostaria de comer?

Mulher: Você.

(Ele fica confuso.)

Homem: Eu!

(Ela, se achegando insinuante.)

Mulher: Ora seu idiota querido. Quer passar a noite comigo?

(Ele, deixando a cartola cair, não sabe se a agarra ou a mulher, e pensa em voz alta, ao mesmo tempo responde:)

Homem: E eu que pensei que ela era tímida. Querer eu quero, mas não sei se estou preparado.

Mulher: Eu consigo levantar mísseis e torpedos também, camarada.

(Ao ouvir a palavra camarada, o homem começa a oscilar, pronunciando em voz alta:)

Homem: Ó não, não.

(E a mulher solicitando que ele se acalme, fala várias vezes a mesma palavra:)

Mulher: Te acalma camarada, te acalma camarada.

Homem: Não, não. Ai mamãe América.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Mulher: Por acaso não serve a faxineira América do Sul?
Te acalma misterzinho.

(A palavra fulminante acerta o alvo.)

Homem: Misterzinho.
Pensei que eras... que pesadelo!

Mulher: Eras o quê?

Homem: Comunista.

Mulher: Ué. Ah! Entendi.
Comunista não, mas bolchevique sim.

Homem: Como? Como?

Mulher: Nada, nada, nada meu "mister!"

Homem: Querida, agora que entendeste minha crise, sei que fomos fei-
to um para o outro.
Tenho feito tanto por essa América Latina e tenho sofrido tan-
tas ingratidões.
Se não fosse por mim a Rússia já teria tomado conta de toda
essa riqueza deles.

Mulher: Que tal irmos para o lugar que sugeriste.

Homem: Vamos, minha jóia rara.
Apesar de ter muito vermelho neste vestido, você está linda!

Mulher: Você não viu nada. Poderá ver muito mais.
(Paseando a mão na bunda dela.)

Homem: Táxi. Táxi.



FECHA-SE O PANO

Luís F. Soares



Motel.

(Retirando o vestido, nua, sorrindo para ele, que, sem reação, fica a admira-la.)

Tomando a iniciativa, ela começa a despi-lo e a arcaica cueca sambacação faz com que recue. Continuando, ela consegue tirar toda a roupa, menos a cartola, que, por vez, grudou. Ela persiste.)

Homem: Querida o torpedo já está pronto, não posso mais esperar.

Mulher: Deite-se.

(Ele deita que nem um cachorrinho. Em estado convulsivo, os corpos dançam em êxtase e, quando se consuma a copula, há uma explosão no ar.)

FECHA-SE O PANO

(Um padre que vinha passando, ouvindo tamanha explosão, pára de súbito enquanto o pequeno jornaleiro passa dando a notícia.)

Jornaleiro: Extra. Extra. A Rússia fudeu com o Estados Unidos.

(Olhando para cima, o padre faz o sinal da cruz e exclama:)

Padre: Cruz. Credo, Ó Deus, ou é a união dos povos ou é o anticristo que vai nascer.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

FECHA-SE O PANO

(Nas ruas de um novo mundo surge um casal, com suas enigmáticas vestes, salientando:

TERRA - OMUR - BEGO

Surge um lindo sol dando um espetáculo ao mundo novo.)

Mulher: Amor, olha o Santuário.

Homem: Lembras quando eras União Soviética e eu Estados Unidos?
(Olhando para ela.)

Homem: Eu te amo.
(Abraçam-se.)

FECHA-SE O PANO.

(Com o sol se abrindo surge o Enigma - cabeça de leão, corpo de homem-com uma pomba branca nas mãos, enquanto a poetisa recita o poema:)

ENIGMA UNIVERSAL DO MAL

Uma enigmática cabeça de fera,
Estática na esperança morbida,
Sem ideal universal,
Na enigmática de seus conflitos pesadosos.

Esfinge
Nas montanhas do amor mundano,
Passando de espaço a espaço,
Poluída garra dos misterios,
A fera na ira sem luz de cada um.

(E num gesto de esperança, com as mãos para cima, ele solta a pomba da paz.)

Handwritten signature

SUSEJ QMSIRC ARRET OMUR BECO



Um dia, uma virgem,
Segundo a história,
Concebeu um menino
Chamado Jesus.
Que era o verbo
E do verbo se fez ser
E habitou entre nós.

Toda a espécie humana
Muito,
Mas muito antes do verbo,
Lá no espaço da antimatéria
E dos fragmentos cósmicos,
Ainda germes,
Conheceram o aconchegante sabor de entrar num óvulo.

Quem foi que disse, Senhor,
que a masturbação é pecado?
Quando o Senhor de todo concebeu a matéria
e atravessou a antimatéria
Para engravidar a mãe.

Quem foi que disse, Senhor,
que amar ao todo é pecado?

É.
Já sei.
Foram aqueles que se enganaram,
De décadas em décadas,
Omitindo seus verdadeiros princípios.

Porque pecado Senhor!
É usar e roubar dos fracos.
Deixando-os desnutridos
Sem capacidade orgânica de raciocínio maior.

Senhor.
Se você foi o verbo
E o verbo se fez carne
E habitou entre nós
É óbvio que não existe
Pai, Filho e Espírito Santo.

Queremos Senhor
Queremos o Cristo que habita em nós
Não em forma de religião
Queremos a verdade.

Senhor!
Obrigado por eu ter encontrado
o verdadeiro Santuário
O sol.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SUSEJ OTSIRC ARRET OMUR BECO



Um dia, uma virgem,
Segundo a história,
Concebeu um menino
Chamado Jesus.
Que era o verbo
E do verbo se fez ser
E habitou entre nós.

Toda a espécie humana
Muito,
Mas muito antes do verbo,
Lá no espaço da antimatéria
E dos fragmentos cósmicos,
Ainda germes,
Conheceram o aconchegante sabor de entrar num óvulo.

Quem foi que disse, Senhor,
que a masturbação é pecado?
Quando o Senhor de todo concebeu a matéria
e atravessou a antimatéria
Para engravidar a mãe.

Quem foi que disse, Senhor,
que amar ao todo é pecado?

E.
Já sei.
Foram aqueles que se enganaram,
De décadas em décadas,
Omitindo seus verdadeiros princípios.

Porque pecado Senhor!
É usar e roubar dos fracos.
Deixando-os desnutridos
Sem capacidade orgânica de raciocínio maior.

Senhor.
Se você foi o verbo
E o verbo se fez carne
E habitou entre nós
É óbvio que não existe
Pai, Filho e Espírito Santo.

Queremos Senhor
Queremos o Cristo que habita em nós
Não em forma de religião
Queremos a verdade.

Senhor!
Obrigado por eu ter encontrado
o verdadeiro Santuário
O sol.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Porto Alegre, 06 de março de 1986.

TEXTO TEATRAL:

TEORIAS PARA UM NOVO MUNDO

ESCRITORA:

Maria da Graça de Oliveira Nunes
MARIA DA GRAÇA DE OLIVEIRA NUNES

NOME ARTÍSTICO:

GRAÇA NUNES



PERSONAGENS:

- | | |
|--------------------|----------------------------|
| - Espermatozóide M | - Dicionário |
| - Espermatozóide F | - Magnatas |
| - Cantora | - Esperança : dançarina |
| - Músicos | - Proletário |
| - Terra | - Homem |
| - Planeta | - Infinito |
| - Eva | - Mulher : União Soviética |
| - Adão | - Homem : Estados Unidos |
| - Anjos | - Porteiro |
| - Diabo | - Padre |
| - Eternidade | - Jornaleiro |
| - Farsa | - Enigma |
| - Verdade | - Pomba |
| - Razão | |

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Edo F
EVA/CANT



Cenário: Um óvulo, que nossos personagens irão fecundar, tornando-se homem e mulher.

Espermatozóide M: Eu sou o ar, eu sou o pó, sou fragmentos do espaço, sou a energia, sou o espermatozóide, eu sou o espermatozóide.

Espermatozóide F: Eu sou o ar, eu sou o pó, sou fragmentos do espaço, sou a energia, sou o espermatozóide, eu sou o espermatozóide.

Espermatozóide M: Que é isto? Por onde é que se entra? Que calor gostoso transmite. Ah! Encontrei a entrada. Como é aconchegante!

Espermatozóide F: Que é isto? Por onde é que se entra? Que calor gostoso transmite. Ah! Encontrei a entrada. Como é aconchegante!

(Os dois fecundam o óvulo. Depois de nove meses, ele explode, surgindo o homem e a mulher)

FECHA-SE O PANO

Cantora e músico:

Música: NO RODÍZIO DA TERRA NÓS SOMOS UM SÓ

Nós somos a energia,
Nós somos o sol.
No brilho das estrelas,
Eu sou você.
Você me fez,
Eu fiz você.

No rodízio da terra,
Nos somos um só.

As nuvens e os ventos,
Os rios e florestas
E os animais
Completam você e eu.

Nós somos a energia,
A razão e o sentido de ser
Num espaço sem fim
Do universo a se descobrir.
Nos somos o pó.

Num cenário de estrelas está a bela esfera, Terra, representada por uma figura feminina que busca em encontro com o ego. Encontrando-o, fica um tanto perplexa. O Planeta é representado por uma figura masculina.

(Num grito de espanto, a Terra vê em sua frente o Planeta que sai do fundo de suas raízes.)

Terra: Ahhhh!

(Ele, por conhecê-la, ironiza:)

Planeta: Olá, há quanto tempo?

Terra: Quem é você?

Planeta: Ora, eu sou o gênese, sou o progenitor das profundezas de tua metade, eu sou teu eu.

Terra: Como ousas dizer que és meu eu se não perdi minha identidade?

Planeta: Sou teu eu por te conhecer no leito e na gravidade.

(Espantada com o atrevimento do Planeta, constrange-se e ao mesmo tempo fica curiosa)

Terra: Se és parte de mim e me conheces na profundidade, então podes me dar uma explicação a respeito do problema que me aflige sobre eles.

Planeta: Eles quem?

Terra: Ora, os homens. Eles me descobriram.

Planeta: Não, não, não. Eu disse que te conhecia na profundidade e na superfície, e não na órbita.

Terra: Ora, não és minha metade?

Planeta: Sou, mas não tua identidade. Me fala sobre eles.

Terra: Quando me descobriram, gerei Eva e gerei Adão.

Planeta: Ah! Tal qual teu caso com o universo, que gerou uma grande confusão.

(E a Terra, enfurecida com tal resposta, vai se abrindo e aparece um belo corpo de mulher.)

Terra: Já que tu és fruto do meu fruto, te levarei até eles para sentires de perto tudo que me aflige.

Planeta: Oba! Ela quer dar pra mim.

Terra: Observe a montanha mais alta, bem na ponta do bico.

(E o Planeta, curioso, vai se achegando àquele corpo de



[Handwritten signature]



mulher nua, exposto para ele, bicos duros, estático, quando bem perto daqueles seios, suspira excitadamente.

- Planeta: Oh! Aqui é a América Latina. Que cordilheiras!
- Terra: Este foi o nome que eles deram. Vai descendo, vai descendo.
- Planeta: Vou resolver teu problema. Diga, onde é que eles estão?
- Terra: Um pouquinho mais embaixo que vais descobrir.
- Planeta: Estou vendo a lei da gravidade, está difícil de enxergar com os olhos.
- Terra: Usa teu telescópio e verás bem dentro da órbita onde se originou a história deles.
- Planeta: Telescópio! Só um pouquinho que vou regulá-lo.
- Terra: Já! Aãã! Poxa como é grande!
- Planeta: Fica de quatro.
- Terra: De quatro uma ova.
- Planeta: Por quê?
- Terra: Pelo cu nunca vais chegar lá.
- Planeta: Mostra-me como. Meu telescópio já está se desregulando.
- Terra: Sim, sim. Me deito com as pernas abertas e você vem. Vê lá, hem, vem com calma. Ai! Ai!
- Planeta: Consegui, consegui, estou vendo eles.

(Telescópio representado pelo membro sexual masculino. Órbita representada pelo órgão genital feminino. Em contato com a órbita da Terra, em sons de gemidos, Planeta consegue ter seu primeiro encontro com o início da espécie humana.)

FECHA-SE O PANO

(Surtem duas personagens bíblicas: Eva e Adão com suas respectivas vestes.)

- Eva: Adão, Adão, terra à vista!
- Adão: Silêncio, ouça, parece uma voz, silêncio!
- Eva: Estou em silêncio imbecil, não quer comer uma maçãzinha.
- Adão: Ouça ou te passo a cobra.

(Ouve-se uma voz que se identifica como a Ecologia.)



Ecologia: Eu sou a Ecologia.
 Adão, estão pisando na terra dos inscientes, on la é
 sinônimo de pureza. Vão poluir as águas, vão cortar as ma
 tas e ainda vão dizer que trouxeram a civilização.

Adão: Então a terra não está à vista?

Eva: Ô imbecil, será que não vês que isso é câmbio imobiliário.
 Adão, coma a maçazinha, só um pedacinho.

Adão: E depois, o que eu faria com a inflação?

Eva: Não, não. Fica quente, não fica frio.

Adão: Que aconteceria se eu ficasse frio?

Eva: Congelaria.

Adão: Eva, estou com medo.

Eva: Coma a maçã meu amor, que não vais congelar nunca.

Adão: Nem por doze meses?

Eva: Ah! Deixa de bobagem e come isso de uma vez.

Adão: Hum! Que gostosa! Aãã, está crescendo.

Eva: Que bom! Que bom!

Adão: Eva, por que estás de quatro?

Eva: Porque vais precisar, e anda de uma vez enquanto a infla-
 ção esta de férias.

Adão: Tem certeza que é por aí?

Eva: Tenho, claro, vem de uma vez.

Adão: Bem, já que ninguém está vendo...

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

FECHA-SE O PANO

(E assim ressoa uma estrondosa revolta no ar. Os anjos tocam clarins
 anunciando a chegada do pecado original. Um dos anjos, em estilo
 "gay" toma a palavra:)

Anjo: Ah! Anunção: este planeta terra de agora em diante nunca
 mais sera o mesmo.
 (E num gesto de loucura desenfreada, bate em suas nádegas.)

Anjo: Haverá anos que serão anos nus.
 Haverá epocas que serão sapateiras.

(Os anjos reunidos, tocam clarins, com toda sua beleza de plumas esvoaçantes, para a reunião dos anjos da guarda. O grupo se aproxima e discutem em som de fofoca. Inesperadamente, chega uma figura macabra perguntando a um dos anjos:)



Diabo: Ei de asinhas, por que o congresso?

Anjo: Quem é você?

Diabo: Eu sou o filho do Lúcio, aquele sem fé.

Anjo: Então fostes tu que induzistes o Adão a comer a maçã?

Diabo: Não camarada, isto tudo é história da Bíblia.

Anjo: Camarada. Esta palavra não me é estranha.

(Todos os outros anjos dizem ao mesmo tempo:)

Anjos: Camarada. Uh! Uh!

Anjo: Mas tuas vestes são assustadoras.

Anjos: Esquisitas.

(O Diabo veste, da cintura para cima, vermelho e, para baixo, preto; e os anjos com asas de plumas e nus. Eles perguntam ao diabo:)

Anjos: Qual é teu sexo?

Diabo: Ainda há pouco vocês questionaram minhas vestes.

(Tocando, de leve, na bundinha dos anjinhos.)

Diabo: Vocês gostam de andar nuzinhos, hein? Assim como o papai do céu. Qual o papel de vocês na história? O que faz o anjinho? Anjo não faz nada.

Anjo: Nós não temos sexo nem forma. Nós somos os guardiões do ser homem e do ser mulher.

Diabo: Iiii, a mim não adianta quererem enrolar. Vocês são os mórmons.

(Com gestos de espanto os anjos se rebelam.)

Anjos: Os mórmons! Você entendeu tudo errado, nós somos guardiões da espécie humana e os mórmons são enviados de Deus.

Diabo: Veados de Deus. Daqui a pouco eles trarão a CIA e dirão que é Deus.

Anjo: Não adianta querer nos converter, nós somos obra de Deus.

Diabo: Também sou obra de Deus, só que no céu a chapa é única.

Anjos: Ah!! Nosso Deus, que pecado!



Diabo: Pecado? Mas vocês estão doidinhos para trepar comigo
Ou não estão?

Anjos: Que Deus nos perdoe, mas que esse diabo é uma tentação...

Anjo: Olha o respeito. Temos que ser discretos.

Diabo: Já que vocês não têm sexo, que tal, meninas, darmos uma
dançadinha!

Anjos: Só se dançar com todas.

Diabo: Vamos lá. Fogo é que não me falta.

Anjo: Não, não, não.

Anjos: Ahhh!

Diabo: Já sei, queres ser a primeira da roda.

(Em forma de ritual de dança, o demônio fica no meio de um círculo formado pelos anjos, e num canto acelerado eles rejeitam o Deus homem, o Deus mito, o Deus farsa.)

Canto: Nós somos obra dos homens...
Nos somos a alienação.

FECHA-SE O PANO

É sabido que a Eternidade e o Infinito são o princípio e o fim, e só as duas personagens poderão concluir o propósito de ser humano.

(A Eternidade chama a Verdade para esclarecer o porquê da decadência, de século a século, de década em década do planeta terra.)

Eternidade: Verdade! Verdade!

(Não sendo atendida em seu chamado, a Eternidade vai ao encontro da Verdade. De repente, encontra uma luz iluminando dois corpos femininos em estado de êxtase, delirando e despojando o mundo. Ali está a Verdade montada na Razão. Perplexa e indignada, a Eternidade toma uma atitude drástica chamando a Farsa.)

Eternidade: Farsa! Farsa!

Farsa: Presente!

Eternidade: O que tens feito?

Farsa: Enquanto a Verdade está montada na Razão, eu ando nas igrejas, nas seitas, nas repartições públicas, mas gosto muito do senado, do exercito. Adoro os exercicios militares. Exemplo: penis pra frente, barriga pra tras, ah! de culpa, peito pra frente, bundinha pra tras. Eu adoro a companhia. (E faz uma continência.)



(A Eternidade sabe que, vai ter que travar uma grande luta para recuperar a especie humana. Em tom de tristeza sacode a cabeça.)

Eternidade: É uma ébia tudo isto. A maioria não sabe o poder que tem sobre o planeta ser. O mundo está vivendo uma grande mentira.

(E torna a conversar com a Farsa, que se encontra a seu lado, calada e vivaz, no seu simulacro de gloria.)

Eternidade: Mas o Proletário pensa que você é a Verdade.

Farsa: Eles nunca irão me reconhecer.

(A Eternidade vê em sua frente uma porta e, ao mesmo tempo, a Farsa, espavorida, usa de uma sutileza implacável para desviar seu percurso.)

Farsa: Eternidade, não há lógica nem há porquê questionar o problema da humanidade. Eles gostam de ídolos, eles gostam de mitos, mas eu adoro sua presença agora aqui. Sua presença é um todo sem contextos.

Eternidade: Pára! Chega! Abre essa porta.

(E a Farsa tenta contê-la, embora sabendo que nada iria impedir que a porta fosse aberta. Desesperada, Ela grita:)

Farsa: Não, não podem abrir a porta sem antes falar com o Dicionário.

(Não usando de subterfúgio, a Eternidade chama o Dicionário:)

Eternidade: Dicionário!

Eternidade: Tu és o Dicionário?

Dicionário: Sim.

Eternidade: Parece mais um guia telefônico de cidade grande. Bem, mas isso não vem ao caso. É intolerável o que está se passando. Por que as palavras estão sendo trocadas?

Dicionário: As palavras não estão sendo trocadas, e sim manuseadas.

Eternidade: Por quem?

(O Dicionário, olhando para a porta, responde:)

Dicionário: Por eles.

(Intolerável, a Farsa, mais uma vez, suplica que não abram aquela porta. A Eternidade ordena, energicamente, que se afaste e abra-a. Deparando-se com um preponderante e requintado banquete.)



Eternidade: Magnatas:
 (Os magnatas, vestindo fraque, gravata, meias e sapatos, menos suas respectivas calças. Num brinde cruzado, um deles diz:)

Magnata: Cruzar os copos.
 (Ela não se deixa perceber e dirige a palavra ao Dicionário:)

Eternidade: Este país tem mania de religião de umbanda.
 Dicionário: Por quê?
 Eternidade: Eles estão brindando cruzado.
 Dicionário: Deu pra mim. Estou regredindo novamente.
 Eternidade: Andarei com o Infinito por todas as partes deste mundo, terra, para que o planeta não se separe de um conjunto todo, e trarei as leis do universo. Serão banidas varias palavras de suas paginas.
 (E, olhando para a Farsa, as palavras ressoam com toda benevolência existente no infinito do seu ser.)

Eternidade: Hei de transformar você em Verdade para que o ser humano reconheça o valor de sua galaxia.
 (Tomada pelo pânico, enraivecida, a Farsa sai bruscamen te correndo.)

Farsa: É o fim de minha era. É o fim de minha era.
 (Quando o Dicionário, folhando página por página de um livro, coração de seu eu, ali em suas mãos, diz calma mente, olhando para a Eternidade:)

Dicionário: É o progresso da humanidade. Nunca mais serei usado co mo cúmplice da catastrophe humana. Novo mundo! Sei que haverá escolas onde o ser humano desenvolverá sua pro pria intelectualidade.
 Esperança, venha em forma de menina!

FECHA-SE O PANO

Tentro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Surge a Esperança, dançando como um cisne, no toque mágico de uma música clássica, dando a mensagem com seus gestos de criança, num cenário que não é nem dia nem noite. Por do sol.)

FECHA-SE O PANO



(Visando a chegar mais próxima do ser humano, a Eternidade
Proletário.)

Eternidade: Proletário?

Proletário: Sim.

Eternidade: Você, Deus criador das defesas sociais, deixa que seus filhos proletários sejam mal remunerados, convivendo com a Farsa pensando ser esta a Verdade, pois a Farsa dá a razão, colocando-se de juiz.

Proletário: Com quem estou falando?

Eternidade: Você está falando com cada página do Dicionário, com cada grão de areia que pisa, com todos os momentos dos seus silêncios e com a Eternidade e o Infinito do seu ser, porque opera sem tempo de raciocinar, embora saiba que es Deus criador das defesas sociais. Sem ti o mundo não prospera. Você é a poesia. Você é o aplauso do idolo e a alimentação do indolente magnata. É a verdade na boca dos poetas conscientes.

Proletário: Então estou falando com a magestosa Eternidade! Acredite-me, a Verdade está montada na Razão porque esta cansada de ser so uma mascara numa experiência onde o prazer esta com a Farsa. O Proletário nao acredita em mim, eles optam pelo patrão como padrão.

(O Proletário chega para a Eternidade como se alguém fosse descobrir algum segredo dele e diz:)

Proletário: É tudo igual àquela palavra, àquela!

Eternidade: Qual?

Proletário: Aquela daquele livro que formou o calendário.

Eternidade: Ah! Refere-se ao Messias.

(O Proletário se aproxima com um gesto sinistro.)

Proletário: Eu fui aos meus e eles não me reconheceram...

Eternidade: Mas este é o conto do vigário!

Proletário: Aquela, irmão da vigarice.

(A Eternidade põe a mão em seu ombro e pronuncia com benevolência:)

Eternidade: A Verdade haverá de fazer juiz em seu devido lugar e você reconhecerá o poder que tem. Para isso, descerei todos os degraus dos tempos e me encontrarei com o ser homem e o ser mulher. Serei eu Eternidade e Infinito.

FECHA-SE O PANO



(A Eternidade, dividindo-se, traz o Infinito que vai ao encontro da mulher, enquanto Ela, ali sentada numa esquina qualquer, num lugar qualquer do planeta terra, se depara com um homem que se aproxima.)

Homem: Olá, gostarias de ganhar um dinheirinho extra por uma noite de prazer?

Eternidade: Que significa o dinheirinho extra?

Homem: Estás um tanto requintada para agir como um ser parvo.

Eternidade: Queres dizer um tanto idiota assim como você?

Homem: Como disseste?

Eternidade: Nada. Assim como a palavra nada deixa de ser nada quando se pronuncia.

Homem: És muito enigmática.

(Tirando um valor x em dinheiro do bolso.)

Homem: Devido a esta formosura toda, te agrada este valor?

Eternidade: É isso que se chama dinheirinho extra?

Homem: Não! Não se faça de jogada. Estás sozinha e eu também, nada impede. Vamos lá!

(Ela pega o dinheiro e rasga-o)

Eternidade: Prazer não se compra. Conquista-se.

Homem: Ora, não venha querer fazer poesia. Pois sabes com quem estás falando?

Eternidade: Sei. Já passei por um congresso onde o encontrei.

(Ele fica desconfiado e pensativo. Em seguida torna-se objetivo.)

Homem: Por quê? Estás me perseguindo?

(Ele responde com uma calma implacável.)

Eternidade: Se acalma. Senta e vamos dialogar. Quantas vezes brincaste com uma flor?

(Ele sorri ironicamente.)

Homem: Ora, não me venha com essa. Novamente poesia.

Eternidade: Lembras, ainda há pouco tentaste comprar prazer.

Homem: Disseste muito bem. Comprar.

Eternidade: E por acaso tentei vender?



Homem: Mas sorriste para mim invocando meu instinto de aproximação, e caía dessa, bem que estas a fim.

(A Eternidade dá um sorriso com um magnetismo próprio de quem conhece a lei do cosmos, e, sabendo da caminhada esparsa que o ser humano tem que dar para uma premissa maior, pronuncia levemente:)

Eternidade: O sorriso é uma dádiva da expressão própria da comunicação quando o ser homem respeita o valor individual.

Homem: Pode parar, não a esta hora da noite, sentada no local ao qual estás. Isso é uma insinuação.

(Ela, conhecendo a cosmurgia, fala suavemente:)

Eternidade: Com os gestos que até agora demonstraste, seria eu um objeto. Pelo visto, estas acostumado a comprar.

Homem: Deixa desse papo todo. Vamos logo, Vamos! Queres ser tratada como uma imaculada?

(Não respondendo, Ela fica a contemplar o Homem pensando numa maneira de como dar a ele um pouco de sensibilidade. E continuando em silêncio a contempla-lo, ouve-o dizer:)

Homem: É. Esse teu silêncio é uma prova de resposta nobre. Me fala um pouco de você.

Eternidade: Assim como você me acha misteriosa eu também poderia acha-lo. Homem, o misterio e uma muralha que o ser humano cria por medo de perder sua opulencia. Logico que estas palavras jamais serviram para a maioria dos seres humanos.

Homem: Podes parar, não achas que estás filosofando demais quando seria tão simples a gente curtir por aí.

Eternidade: A filosofia é a ciência geral das coisas e princípios, sistema de noções sobre o conjunto de coisas; sabedoria, doutrina de cada escola filosofica. Todo o conhecimento racional.

(Ele caminha para lá e para cá preocupado, como se ali estivessem varias pessoas assistindo ao espetaculo, e tenta disfarçar sua perplexidade num tom de zombaria:)

Homem: Você não fode?

Eternidade: Como pronunciaste?

Homem: Ela ouviu. Então gosta de uma fodazinha. Tenho certeza que daqui a pouco a auto-suficiencia dela vai virar em pranto.

(Ela se levanta não dando espaço e nem tempo para que diga mais nada.)



Eternidade: Homem, teu membro genital será tão despercebido se não souberes valorizar o belo do teu próprio eu. O que se não por fora as mulheres têm por dentro. Creio que isto é sabido. Quando levas uma rosa para uma mulher, ali está teu lado feminino conquistando-a. Sê que podes usar a força bruta, mas de nada vale se não for recíproco.

(Ele fica a observá-la e reconhece a beleza de ter nascido de uma mulher. Pergunta para Ela num gesto de carinho:)

Homem: Diga com quem estou falando? Quem é você?

Eternidade: Está falando contigo mesmo, com todos teus descendentes. Aqui, nesta sala, aqui neste palco, aqui nesta rua, você está respirando o pó. A metamorfose das matérias correm no ar porque no rodízio da terra nós somos um só.

(Em estado de êxtase, o Homem fecha os olhos. Neste espaço de tempo Ela sai caminhando, distanciando-se no escuro como se estivesse diante de um palco, refletores, luzes, escuridão. Sua voz ressoa com ênfase maior.)

Eternidade: No rodízio da terra nós somos um só. Coloque a Verdade no lugar da Farsa. No rodízio da terra nós somos um só.

(E num impacto, quando sua voz já está quase desaparecendo, ele abre os olhos e, não a encontrando, clama por Ela desesperadamente.)

Homem: Ei, não me disseste quem és? Quem és? Já sei, tu es uma perturbadora.

(E quando ele se encontra em estado perturbador, virando-se para trás depara-se com uma figura calma, a luz da noite percorrendo sua meia face. Atônito, gesticula com as mãos.)

Homem: Que é cara?

(E não dando tempo para a figura responder:)

Homem: Viste aquela mulher saindo daqui agora? Que coisa incrível, até parece um sonho.

(Passa as mãos nos cabelos, senta na calçada, no mesmo lugar em que Ela sentou, passa novamente as mãos nos cabelos e olha para aquela figura na semiluz da noite.)

Homem: Fala alguma coisa. Não fala? Tá mudo. Era só o que me faltava.

(O desconhecido pega a mesma quantia em dinheiro que ele havia dado para a Eternidade e devolve-o. O Homem, levantando-se, responde rispidamente:)

Homem: Qual é, "gay" não.



(E o desconhecido, não fazendo nada, rasga o dinheiro.
O Homem, percebendo que há horas atrás viveu uma vida
melhante, pergunta objetivamente:)

Homem: Acho bom me responderes quem és porque o tempo vai virar.

Infinito: Tempo! Eu sou o tempo. Eu sou o ar que respiras. Sou as nuvens que passam. Sou teu amigo da esquina. Sou a verdade e sou a farsa que pregas. Sou a corrente que colocas na mão do próximo e sou o próximo quando es acorrentado. Sou a bonança após a tempestade. Sou as matas verdes. Sou as matas ressequidas. Sou as lagoas poluídas. Sou o céu azul. A noite. As estrelas e o sol. Sou os animais selvagens e os mansos. Sou aquele que tudo vê e tudo ouve. Sou aquele que acredita em ti quando achas que estas certo. E sou aquele que, quando estas certo e todos acham que estas errado, te dá uma ênfase para que prossigas. Pois bem, Homem, de década em década a farsa permanece em teu planeta por medo da ciência maior que é tua própria verdade.
Queres saber quem é Ela que saiu daqui?

(O Homem, cada vez mais atônito, fica observando sem dizer nada, com sede de ouvir, e Ele prossegue sem dar pausa:)

Infinito: Ela é a Eternidade e eu, eu sou o Infinito. Ela foi minha mãe por me gerar e eu fui seu sexo por me fazer fruto de sua carne. Portanto, nós somos um só.

(Indignado, o Homem diz:)

Homem: Não acredito em você. Com esse papo todo você quer dizer que é Cristo. Brincadeira!
Quase cai na asneira de pensar que eras a mulher que estava aqui, há pouco.
Bem, que tal quebrarmos esse papo.
Aceito os loucos.
Vamos beber alguma coisa por aí?

(O Infinito nada dizendo, o Homem se pronuncia:)

Homem: Vem cá, não tens grana?
Pega aqui. Toca no meu bolso.
Ja sei. Te magoaste porque te chamei de louco.
Tudo bem, Filósofo, então.
Mas e daí filósofo, onde será que foi aquela bela mulher?

(O Infinito responde com candura:)

Infinito: Encontrarás Ela em ti mesmo, em frações de segundos, na hora da morte. Sabe homem, não estas entendendo. Sei que é impossível querer que uma baleia nade num rio.
Aprecias "slides"?

Homem: É um convite? Depende, não sei. Sou curioso mesmo.
Hum! Já vieste com esta história que eras a mulher que saiu daqui. Vê lá, hem! Marmanjo não.
E! Não levas jeito para a coisa.
Mas tem garotas lá, não é?



(O Infinito responde aguadamente:)

Infinito: Homem, pare de se torturar.
Um homem pode sair com outro, ser amigo e quebrar as fronteiras da malícia impostas por si próprio.

Homem: Tudo bem, me convenceste, vamos lá.

FECHA-SE O PANO

(Aparece uma sala com uma cadeira e um projetor de "slides". O Infinito convida o Homem para sentar, e ele senta, pensando em voz alta:)

Homem: Bom, para um sujeito estranho até que o lugar está de acordo.
(E pergunta:)

Homem: E as garotas?

(O Infinito, não lhe dando tempo para questionar, liga o projetor de "slides". Aparecendo o nu de um homem de costas, o Homem, indignadamente, levanta-se.)

Homem: Escuta aqui, primeiro foi aquela mulher falando bonito. Agora você.

(O Infinito nada responde. Vai passando o "slide" e o homem continua falando.)

Homem: O que eu quero com pornografia "gay", estou caindo fora.

(Ao sair, olha para o "slide". Ali está uma cena um tanto familiar, uma cena nazista. Desconcertado, pergunta ao Infinito:)

Homem: Por que isto agora? Que queres demonstrar?

Infinito: Senta e te mostrarei a revanche do homem para com o homem, destruindo e matando conscientemente, criando o ciclo vicioso das guerras.

(Prosseguem os "slides", e o Homem ali, perplexo com as imagens que começam a aparecer. Em sua face começa a figurar o medo e a angústia, e o Infinito, percebendo, recita um poema.)

Infinito: O homem que tem consciência de tudo que o cerca e contribui para divergir das coisas boas, na hora que se sente aflito e angustiado, pensa que o mundo está de mal com ele. Não está não. É ele que está de mal com sua própria consciência.

(Na ânsia, o Homem se reprime, mas ofuscado, olha para o projetor de "slides" vendo com seus próprios olhos um fato tão recente ocorrido no Japão.)



Homem: Por que isto tudo está acontecendo comigo? Você está me mostrando fatos que... não, eu não estou sabendo, meu compromisso com o mundo eu cumprio, e alguns têm que morrer para que outros sobrevivam.

(Ele olha para o Infinito, desconfiado.)

Homem: Você é comunista, não é?

(O Infinito responde com brandura:)

Infinito: Já havia dito que é impossível fazer uma baleia nadar num rio.

(E voltando ao "slide":)

Infinito: Nesta cidade de Hiroshima, as pessoas não estavam a par da resolução de uma pequena cúpula de inconseqüentes.

(Em cima da mesa onde estava o projetor havia duas miniaturas de aviões, e o Infinito, pegando-as, diz:)

Infinito: O homem briga pelo melhor aviãozinho e a espionagem corre. Esta bomba de Hiroshima, segundo quem a projetou, se tiver se que fazer, faria novamente.

Ainda há tempo.

Sabe? Em cada janela que olhares lá estará presente, na vl draça, a arquitetura da cruz. Em cada rua que passares há hvera sempre uma cruz. Quando abrires teus braços, havera sempre uma cruz, e mesmo se ficares sem eles, quando chgares bem próximo do fim, havera a cruz da consciência.

(E o projetor de "slides" continua a passar cenas de guerra no mundo. O Homem pede um momento para o senhor sabio.)

Homem: Se és um Deus, por que te deixaste morrer na cruz, sendo tão forte como te fazes ser pensado?

Infinito: O Deus é questão de consciência, e eu não me deixei crucificar. O homem que julgou e crucificou. O homem criou o banquete dos doze apóstolos para manusear os povos. Te darei um exemplo bem simples até.

Achas que eu, com o conhecimento que tenho sobre todos vocês e com esse poder de ressuscitar, segundo a história que vocês contam, haveria eu de saber, então, que Judas Scario tes iria me trair e depois, por pena, se suicidar, e que o galo cantaria e Pedro iria me trair. Se eu soubesse que iso iria acontecer, seria eu o maior traidor, porque eles não tinham tal consciência. E mais irei te dizer.

O homem me julgou e me crucificou. Eu não me deixei crucificar, portanto eu carreguei a cruz de madeira e o homem carrega a cruz da consciência.

(De repente apagam-se as luzes e o Homem pergunta:)

Homem: Por que apagou as luzes?

Infinito: Das luzes das estrelas do cosmos eu entendo...

Homem: Mas não entendes de tudo?



Infinito: Acabei de dizer há pouco que Deus é questão de consciência.
E tu foste livre para criar a lâmpada.

Homem: Até quando iremos ficar no escuro?

Infinito: Não achas que esta pergunta deve ser feita a ti mesmo.
(Em meio aos tropeços, saem para a rua.)

FECHA-SE O PANO

(Lá fora.)

Homem: Finalmente luzes e ar.

Infinito: Estás gostando?
Notaste que as luzes dos postes estão apagadas?
(Com espanto, o homem responde:)

Homem: Não. Sim. Lógico.

Infinito: As luzes do universo nada te cobram. Na noite, como estas presenciando, as estrelas. De dia, o sol. Nos dias chuvosos e nublados, a reflexão solar está sempre presente, e sem deixar de esquecer da pitoresca lua.

Homem: Filósofo, como é que fica o cego nesta parada?

Infinito: O que nasce cego tem a dádiva do planeta ser e quem não nasce assim tem o registro de tudo que já enxergou.

Homem: É. É muito interessante conversar contigo.
Es um tanto complexo.

Infinito: Complexidade é uma palavra abrangente. Ela constrange, é reflexiva e persuasiva e, assim sendo, você busca a polémica. Já que buscas polemizar, porque fazes um Natal com meu nome quando sabes que quero uma mesa farta para todos. Se achas que sou pouco, porque constrois grandes e requintadas catedrais, em mau nome, com imagens retratadas quando eu disse: não adoraras imagens.
Se achas que sou pouco, porque nestas catedrais os mendigos estão nas portas quando gostaria de abrigá-los.
De todos que estiveram neste planeta, eu sou tua consciência, o princípio e o fim, mitos e ídolos, porque sei que na hora do sufoco todos dizem: Se Deus quiser.

Homem: Então, por tudo que dizes, o ritual litúrgico é falso?
(Já sentados num banco de uma praça, com o céu lindo, estrelado. Aquele cheiro de primavera. O Infinito fica a observá-lo. Com a eterna serenidade, responde sorrindo:)



Infinito: A divergência levou o homem ao caos e ele criou o ~~espeço~~ litúrgico, assim levou a pequena cupula a ser grande, ~~adan~~ do os peixinhos do mar levam os homens a nadar e quando ela começar a nadar, deixara de ser cupula ao descobrir que não ha cardume para a rede.

(O Homem se levanta, caminha de um lado para outro, respira fundo e pensa em voz alta.)

Homem: Peixinhos do mar... Por que esse sujeito não é claro no que diz?

(O Infinito continua ali sentado, calmo, olhando as estrelas, e o Homem volta-se para Ele meio indignado.)

Homem: Qual é essa de peixinhos do mar? Seja mais claro, até parece que estas recitando um poema. Sei que a noite esta estrelada, mas não sou muito chegado a lirismo. Explica essa dos peixinhos do mar.

Infinito: Segundo você, existem palavras ditas por mim, na Bíblia. Como é que vocês crêem em palavras as quais não entendem? E tem mais. São verdadeiros poemas.

Homem: Eu não sou padre para entender de Bíblia.

Infinito: Creio eu que não é só o padre que é homem, pois a Bíblia foi feita para os homens.

(Mais uma vez, ironizando, o Homem vai abrir a boca para falar, e o Infinito:)

Infinito: E de boa vontade.

(Sentindo-se irritado, o Homem dá um suspiro profundo.)

Homem: Você diz ser o princípio, o fim e aquela mulher que era a Eternidade. Se você e o filho de Deus, sei la, deve saber que ha outras nações na terra que não admitem religioes, onde não existe você, e sim outras crenças.

(O Homem aperta as mãos oscilante, pensando em voz alta.)

Homem: Agora ganhei dele.

(Estando o Infinito sentado no chão.)

Homem: Mas por que estás sentado no chão.

Infinito: Porque já cansei.

Homem: Do quê? Do banco?

Infinito: Não, de você.

Homem: Porque não estás conseguindo respondero que eu falei?

(Sentando no banco, o Homem sorri zombando de Infinito.)

Teatro de Arari
Av. Borges de Medeiros, 525
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Infinito: Pois bem, eu respondo o que queres ouvir.
É bem simplesinho.

Homem: É! Não brinca!

Infinito: Você falou que eu não estou em todas as nações.
Sendo eu Eternidade e Infinito, é obvio que estou em to
dos os lugares.

Homem: Mais uma cacetada. Sinto que vou acabar sofrendo de uma
dissociação psíquica.

(Observando o espírito de competição do Homem, o Infinito
torna a sentar no banco, sugerindo:)

Infinito: Quem sabe te encontras com Ela?

Homem: Ela quem? A Eternidade? Mas Ela não é você?

Infinito: Bem, já vou indo.

Homem: Não, não, não. Vais me deixar cheio de evasivas. Ao menos
me responde quem é Ela. Já que es o Infinito e a Eternida
de, creio que não tens tanta pressa assim.

Infinito: A pressa é a curiosidade da tua consciência.

(E sai caminhando para ir embora enquanto o homem, insatis
feito e curioso, exige uma resposta.)

Homem: Não vá embora, pelo menos me responde quem é Ela, afinal?

Infinito: Te acalma, vira para lá que eu vou urinar.

(Durante o tempo que está urinando, Ele diz:)

Infinito: Este planeta que se chama terra deveria chamar-se dinhei-
ro, que da materia se fez po, e do po da metamorfose adu-
bou a terra, que da madeira se fez o papel e governou bol
sa de valores.

Homem: Ele filosofa até mijando. Ainda não?
Será que a mijada também é infinita?

(O Homem, não percebendo, o Infinito sai caminhando.)

Infinito: Ela é a mulher tão responsável quanto você.

(Sentindo sua demora, volta-se para trás, não o encontran-
do mais.)

Homem: Ela quem?
Ei profeta, onde te meteste?

Homem: O puta que pariu que me confundiu.

FECHA-SE O PANO



(Nossas duas personagens hospedam-se no mesmo hotel, sendo que, cene, aparecerão dois quartos nos quais contracenarão. Estão os dois prontos para o banho, Ela nua e o Senhor "Mister" de cueca samba canção, quando o telefone toca para os dois e ambos atendem: uma mera coincidência. É da portaria, avisando que o "show" que gostariam de assistir teria início às 24h. Ambos solicitam serem avisados uma hora antes. Assim sendo, Ela dirige-se para o banho e Ele, deixando-o para mais tarde, resolve dormir um pouco. Mas antes, pegando a Bíblia que esta ao lado de sua cabeceira, se ajoelha e reza sua oração a Deus.)

Homem: Mamãe sempre disse para rezar antes de qualquer soneca. Senhor, ajudai para que o mundo não sofra os conflitos das guerras, ajudai para que eu possa fazer vigorar a democracia no mundo. Sei que o Senhor atenderá minha prece. Amem.

(A mulher, ao sair do banho, com uma toalha sobre o corpo, olha a sua frente um quadro de Jesus Cristo e, retirando a toalha, fala:)

Mulher: Olha, eu Te admiro sabe, mas não por tudo que pregaram sobre Ti. Não sei orar, mas sei que o maximo que posso fazer de mim e minha carne, e minha energia. Antes de tirar uma pequena na soneca vou rezar a oração que conheço. Tudo o que tenho e todo o amor que possuo. Eu...

(E vai retirando a toalha, colocando-a em cima da cama, deitando-se sobre ela. Começa o ritual de uma masturbação, chegando ao climax em delírios.)

Mulher: Jesus, eu te amo.

FECHA-SE O PANO Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Nosso hóspede, ao sair na portaria do hotel, deixa o porteiro perplexo, que, saindo de sua rotina de Sim Senhor, Não Senhor, diz:)

Porteiro: Ei, ei, o Senhor é o Tio Sam?
(Olhando para trás:)

Homem: Ué, como é que ele me reconheceu?
(Em seguida desce nossa hóspede; e o porteiro, espantado:)

Porteiro: Mas é a União Soviética!
(E desmaia.)

FECHA-SE O PANO



(Sendo próximo o teatro, a mulher sai caminhando pelas ruas da cidade e de repente fica confusa com a cena que aparece diante de seus olhos. Ali está um funeral com cartazes dizendo:

1964-70-Opressão-Fome; Ditadura-Gol-Brasil; Abaixo FMI; Abaixo os Torturadores-Gal.Figueiredo; Medice-Impune; Tancredo Neves-Enigma.

Estando o caixão enrolado na bandeira de uma nação. Chocada, ela pergunta:)

Mulher: De quem é o funeral, por favor, de quem é o funeral?

(Ninguém respondendo, ela resolve acompanhá-los. Na despedida, retirando, com honras, a bandeira da nação, abrem a tampa do caixão e cada um agarra um pedaço de seu maior ídolo: a alimentação: cenouras, pepinos, arroz, feijão, repolhos, batatas, que acidentalmente esparramam-se pelo chão, e em prantos nossos desventurados repõem a alimentação no caixão. A mulher, observando-os, não tendo como consola-los, sai em silêncio rumo ao teatro.)

FECHA-SE O PANO

(Na saída do espetáculo.)

Homem: A senhorita que me dar a honra de um jantar?

Mulher: Sim, creio que sua companhia será agradável.

Homem: Minha companhia? O que ela tem a ver com isso?

Mulher: Eu não estou entendendo, o senhor pede minha presença e depois se perturba como se estivesse preocupado. Pois passe bem, não tenho meu tempo a perder com bobagens.

Homem: Senhorita! Senhorita! Foi só um equívoco.

Mulher: Equívoco?

Homem: Sim, a sua companhia com a minha companhia. Mas deixa pra lá. Aceita minha companhia?

Mulher: Quem sabe ao invés de jantar...

Homem: Sim, sim.

Mulher: Acalme-se cavalheiro. Que tal uma caminhada pela cidade. Pelo visto o senhor conhece muito esse povo.

Homem: Lógico, lógico, conheço sim. Mas os comunistas estão querendo fazer a cabeça deles.

Mulher: Como?

Homem: Não vamos estragar essa noite. Você é tão linda!



Mulher: Olha que bonita praça!

Homem: Aqui é muito perigoso por causa dos assaltos, mas podemos ir para um ótimo lugar, com piscina, todo espelhado...

Mulher: Ah! Já entendi. Mas vamos sentar um pouquinho.

Homem: Tudo bem. Que você achou do espetáculo?

Mulher: Como sabes, assisti só ao final, mas a música que me chamou a atenção foi a que falou da Eternidade.

Os dois: Sim, aconteceu comigo um fato interessante. Falei com a Eternidade e o Infinito.

Homem: Você é que é a mulher?

Mulher: E você o homem?

Homem: Isso é motivo para comemorarmos.

(Ela olha para ele como se estivesse nu.)

Mulher: Agora estou começando a ficar com fome.

Homem: Que gostaria de comer?

Mulher: Você.

(Ele fica confuso.)

Homem: Eu!

(Ela, se achegando insinuante.)

Mulher: Ora seu idiota querido. Quer passar a noite comigo?

(Ele, deixando a cartola cair, não sabe se a agarra ou a mulher, e pensa em voz alta, ao mesmo tempo responde:)

Homem: E eu que pensei que ela era tímida. Querer eu quero, mas não sei se estou preparado.

Mulher: Eu consigo levantar mísseis e torpedos também, camarada.

(Ao ouvir a palavra camarada, o homem começa a oscilar, pronunciando em voz alta:)

Homem: Ó não, não.

(E a mulher solicitando que ele se acalme, fala várias vezes a mesma palavra:)

Mulher: Te acalma camarada, te acalma camarada.

Homem: Não, não. Ai mamãe América.

Mulher: Por acaso não serve a faxineira América do Sul?
Te acalma misterzinho.

(A palavra fulminante acerta o alvo.)

Homem: Misterzinho.
Pensei que eras... que pesadelo!

Mulher: Eras o quê?

Homem: Comunista.

Mulher: Ué. Ah! Entendi.
Comunista não, mas bolchevique sim.

Homem: Como? Como?

Mulher: Nada, nada, nada meu "mister!"

Homem: Querida, agora que entendeste minha crise, sei que fomos feitos um para o outro.
Tenho feito tanto por essa América Latina e tenho sofrido tantas ingratidões.
Se não fosse por mim a Rússia já teria tomado conta de toda essa riqueza deles.

Mulher: Que tal irmos para o lugar que sugeriste.

Homem: Vamos, minha jóia rara.
Apesar de ter muito vermelho neste vestido, você está linda!

Mulher: Você não viu nada. Poderá ver muito mais.

(Passando a mão na bunda dela.)

Homem: Táxi. Táxi.



FECHA-SE O PANO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Motel.



(Retirando o vestido, nua, sorrindo para ele, que, sem reação, fica a admira-la.

Tomando a iniciativa, ela começa a despi-lo e a arcaica cueca sambacação faz com que recue. Continuando, ela consegue tirar toda a roupa, menos a cartola, que, por vez, grudou. Ela persiste.)



Homem: Querida o torpedo já está pronto, não posso mais

Mulher: Deite-se.

(Ele deita que nem um cachorrinho. Em estado convulsivo, os corpos dançam em êxtase e, quando se consuma a copula, ha uma explosão no ar.)

FECHA-SE O PANO

(Um padre que vinha passando, ouvindo tamanha explosão, pára de súbito enquanto o pequeno jornaleiro passa dando a notícia.)

Jornaleiro: Extra. Extra. A Rússia fudeu com o Estados Unidos.

(Olhando para cima, o padre faz o sinal da cruz e exclama:)

Padre: Cruz. Credo, O Deus, ou é a união dos povos ou é o anticristo que vai nascer.

FECHA-SE O PANO

(Nas ruas de um novo mundo surge um casal, com suas enigmáticas vestes, salientando:

TERRA - AMOR - BELO

Surge um lindo sol dando um espetáculo ao mundo novo.)



Mulher: Amor, olha o Santuário.

Homem: Lembras quando eras União Soviética e eu Estados Unidos?
(Olhando para ela.)

Homem: Eu te amo.
(Abraçam-se.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

FECHA-SE O PANO.

(Com o sol se abrindo surge o Enigma - cabeça de leão, corpo de homem-com uma pomba branca nas mãos, enquanto a poetisa recita o poema:)

ENIGMA UNIVERSAL DO MAL

Uma enigmática cabeça de fera,
Estática na esperança morbida,
Sem ideal universal,
Na enigmática de seus conflitos pesarosos.

Esfinge
Nas montanhas do amor mundano,
Passando de espaço a espaço,
Poluída garra dos mistérios,
A fera na ira sem luz de cada um.

(E num gesto de esperança, com as mãos para cima, ele solta a pomba da paz.)